

Maria José Cunha¹, Rogério Ferreira de Sousa²

A Colecção de Antiguidades Egípcias do Museu de História Natural da Universidade do Porto

R E S U M O

Para além de proporcionar uma breve caracterização histórica e arqueológica da colecção egípcia conservada no Museu de História Natural da Universidade do Porto, este artigo procura também explicar a origem desta colecção e traçar o seu percurso no seio da própria Universidade.

Introdução

O acervo egípcio do Museu de História Natural da Universidade do Porto constitui a segunda maior colecção de antiguidades faraónicas conservadas em Portugal³. Praticamente desconhecida do grande público, apesar dos louváveis esforços dispensados pelo Museu de História Natural, a colecção constitui um valioso património que oferece inúmeras oportunidades de investigação e de trabalho. O seu estudo, publicação e valorização constitui, deste modo, um importante desafio para a Universidade que assim pode rentabilizar um precioso recurso para estimular a investigação e a cooperação interdisciplinar.

A colecção tem efectivamente um grande valor científico e apresenta, entre a centena de peças que a compõe, uma notável variedade de objectos distribuídos pelas principais épocas históricas que caracterizaram o desenvolvimento da civilização egípcia. Os objectos mais antigos remontam ao início do V milénio. Para além de objectos datados do Império Antigo (2660-2180 a. C.) e do Império Novo (1560 - 1070 a. C.), a colecção abrange ainda antiguidades da Época Greco-Romana (332 a. C. - 395 d. C.), apresentando, deste modo, testemunhos que remetem para um espectro temporal extremamente vasto. Para além da sua riqueza patrimonial e científica, a colecção reflecte igualmente as vicissitudes históricas do século XX. De facto, ao contrário do é habitual em países com uma forte tradição egiptológica, este espólio não foi obtido através de compra nem através de campanhas arqueológicas no Egipto, resultando, pelo contrário, dos acasos e das convulsões políticas da Primeira Guerra Mundial. O espólio egípcio do Museu de História Natural foi oferecido a Portugal em 1926 pelo governo alemão, em troca

¹ Curadora do Museu de História Natural da Universidade do Porto mdcunha@fc.up.pt

² Doutorando da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e professor assistente do Instituto das Ciências da Saúde – Norte rogerioferreirasousa@hotmail.com

³ A colecção mais vasta de antiguidades egípcias conserva-se actualmente no Museu Nacional de Arqueologia e conta com cerca de quinhentas peças. Ver catálogo da colecção em ARAÚJO, 1993.

de centenas de peças da Assíria e da Babilónia que previamente estavam na posse da Universidade do Porto⁴. Será pois sobre este primeiro núcleo de antiguidades orientais que começaremos a nossa apresentação da colecção.

A colecção assíria

Em 1916, em plena Primeira Guerra Mundial, Portugal realizava uma ampla operação de apreensão de navios alemães nos portos portugueses, entre os quais figurava o *Cheruskia*, um navio que transportava um importante espólio arqueológico originário de Assur, na antiga Mesopotâmia⁵. Através da mediação do reitor da Universidade do Porto, o Professor Augusto Nobre, então ministro da Instrução, estas antiguidades foram entregues à Universidade do Porto.

O espólio apreendido decorria das escavações arqueológicas dirigidas por Walter Andrae, da Deutsche Orient Gesellschaft, em Assur⁶, e abarcava um leque bastante numeroso e diversificado de antiguidades⁷, entre as quais se destacava uma estátua suméria acéfala⁸, bem como fragmentos de um baixo relevo monumental⁹. A colecção incluía ainda um cofre datado do reinado de Tikulti-Ninurta que continha um depósito de fundação¹⁰. Tijolos esmaltados com uma decoração esmerada, estelas reais, plaquinhas de inscrições cuneiformes e cilindros selos constituíam um importante e numeroso *corpus* documental. Particularmente significativo era o conjunto de peças de cerâmica que incluíam miniaturas de animais e deuses, bem como uma importante colecção de vasos de tamanhos e formatos muito diversificados¹¹. Também muito interessante seria a colecção de ornamentos, braceletes, colares e anéis de bronze, pasta de vidro, ouro e pedras de cores variadas¹².

Ainda sob a custódia da Universidade do Porto, a colecção assíria foi estudada pelos assiriólogos Dangin e Contenan¹³. O interesse suscitado por estas antiguidades foi suficientemente forte para justificar, por parte das autoridades alemãs do pós-guerra, o desejo de reaver a colecção.

⁴ *Idem*, 2000a, p. 66.

⁵ Esta importante operação, dirigida pelo capitão de fragata Leote do Rego, comandante da Divisão Naval de Defesa, foi realizada em 23 de Fevereiro de 1916, e incidiu sobre todos os navios mercantes alemães fundeados nos portos portugueses. Dela resultou a apreensão de cerca de setenta barcos, entre os quais figurava o *Cheruskia* que, mais tarde, foi renomeado de «Leixões». Esta embarcação foi afundada em 1918 por um submarino alemão.

⁶ Koldewey, também do Deutsche Orient Gesellschaft, empreendeu também, em 1899, pesquisas arqueológicas no sítio de Assur. Ver FERREIRA NOBRE, 1925, p. 208.

⁷ Esta colecção não incluía todo o espólio reunido por Walter Andrae em Assur, uma vez que, à data, uma parte deste espólio estava já distribuído pelos museus de Istambul, Alemanha e Londres (Museu Britânico). Ver *Idem*, p. 209.

⁸ De acordo com a balizada opinião dos assiriólogos Dangin e Contenan, que estudaram a colecção, a estátua é datada do «domínio da cidade de Ur» (*Idem*, p. 209). Apresentava, de acordo com o habitual estilo da estatuária suméria, as mãos reunidas sobre o peito. A túnica, ricamente ornamentada, punha a descoberto o braço direito e os pés.

⁹ Estes fragmentos representam um deus ladeado pela silhueta de um animal e uma deusa. Ver *Idem*, p. 210.

¹⁰ Ver *Ibidem*.

¹¹ Estes vasos apresentavam grau de complexidade variável. Sem decoração, com uma decoração geométrica ou um elaborado revestimento esverdeado de esmalte.

¹² *Idem*, p. 210.

¹³ *Ibidem*.

Na sequência da negociação então feita com Portugal, em troca do referido espólio, a Alemanha ofereceu, em 1926, uma ampla e diversificada colecção de arqueologia e etnografia, abrangendo objectos provenientes da Grécia, Turquia, Próximo Oriente, China, Japão, Birmânia, África, Melanésia, América Central e América do Sul, perfazendo um total aproximado de seiscentos objectos. Confiada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a colecção ficou aí conservada até 1928. Após a extinção da Faculdade, este magnífico espólio foi então transferido para as colecções do Museu Mendes Corrêa onde permaneceram a partir de 1940. Com a constituição do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, em 1996, a colecção foi integrada no seu amplo espólio ficando, desde então, parcialmente exposta na Sala de Arqueologia e Pré-História Mendes Corrêa.

A colecção egípcia

Integrada no lote de antiguidades acima mencionado, a colecção egípcia compreende um conjunto bastante alargado de objectos, perfazendo um total de 102 peças muito heterogéneas entre si. A colecção foi estudada pelo Professor Doutor Luís Manuel de Araújo em 1996 que contou então com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. O catálogo que resultou deste estudo, infelizmente, aguarda ainda a sua publicação¹⁴.

Entre os objectos mais antigos da colecção contam-se quinze artefactos cerâmicos, em perfeito estado de conservação, que remontam ao início do V milénio. Objectos deste tipo foram encontrados em túmulos atestando, já nesta época recuada, a formação das crenças funerárias que haviam de ter um peso decisivo ao longo de toda a história do Egipto faraónico. Também do Neolítico, destacam-se dois vasos de boca negra, típicos da cultura de Nagada I (c. 4000 – 3500 a. C.), uma categoria de objectos confeccionada especificamente para um uso funerário. Da mesma época, três paletas de xisto, usadas para a pintura mágica do corpo, dão-nos um vislumbre importante sobre a profunda ligação que mantinha unidas a existência terrena e a vida no Além.

O Império Antigo (c. 2660-2180 a. C.), época que assistiu à construção das grandes pirâmides de Guiza, está representado com três vasinhos de alabastro, fabricados expressamente para um uso funerário, bem como um fragmento de um baixo relevo proveniente de uma mastaba.

Do Império Novo (c. 1560-1070 a. C.), datam alguns objectos de adorno pessoal com função profiláctica. Dois coloridos colares de contas, uma pulseira, dois pentes e um espelho de bronze constituem exemplares de objectos do quotidiano que eram transportados para o túmulo com o intuito de continuarem a ser usados no Além. Subjacente estava a ideia que os cuidados dispensados à beleza do corpo continuariam então a ser tão necessários como na vida terrena.

Um conjunto de objectos em faiança datados do Império Novo ilustra a importância de certos símbolos religiosos na vida quotidiana. É o caso de um belo vaso de ano novo, um recipiente de grande valor simbólico que continha água da cheia e propiciava um bom ano (*nefer renepet*, em egípcio). Oito pequenos escaravelhos de faiança e um escarabóide apresentam símbolos e inscrições igualmente com uma finalidade propiciatória.

¹⁴ PINTO LIMA, 1933, pp. 5-16.

Um conjunto significativo de estatuetas funerárias, habitualmente designadas de *chauabtis* ou *ucbebtis*, permite acompanhar a evolução que este tipo de objectos sofreu ao longo do tempo. As seis estatuetas do Império Novo são feitas de madeira e apresentam um belo revestimento de pigmentos coloridos. Da XXI dinastia (1070-945 a. C.) são datados dez objectos, todos em faiança, que apresentam um tratamento sumário e simplificado. Da Época Baixa (664-332 a. C.), por outro lado, são datados quatro exemplares muito sofisticados, apresentando um elevado nível de execução técnica e artística.

A componente mais significativa da colecção compreende objectos do I milénio a. C., a última fase da história do Antigo Egipto. Um conjunto interessante de estatuetas de divindades, datadas da Época Baixa, oferece alguns dos exemplares mais interessantes da colecção do ponto de vista religioso e artístico. A estatueta de Ptah-Sokar-Osíris é a mais sofisticada destas peças. Feita em madeira policromada, a peça apresenta a habitual configuração mumiforme desta divindade compósita e constitui um testemunho interessante do espírito sincrético que animava a espiritualidade do Egipto do I milénio. Apesar de lhe faltar o toucado, a estatueta conserva ainda a base de madeira, no interior da qual era habitual colocar um objecto alotropico.

Cinco estatuetas em bronze alargam o espectro das divindades representadas na colecção. O touro Ápis, o animal sagrado que era cultuado em Mênfis como uma manifestação da fecundidade criadora do deus Ptah, apresenta no dorso e na testa as marcas que o distinguiam e assinalavam a sua natureza divina. Sobre a cornamenta não falta também o disco solar. O deus Osíris é representado, em atitude mumiforme, com a coroa branca do Alto Egipto, empunhando ceptros nas mãos reunidas junto ao peito. Num curioso contraponto, a deusa Neit (a divindade que presidia à região de Saís, de onde eram originários os soberanos da XXVI dinastia) é representada com a coroa vermelha do Baixo Egipto. A peça mais emblemática deste conjunto de estatuetas divinas é a que representa Ísis amamentando o deus Horpakhred. A estatueta apresenta uma iconografia que será retomada e perpetuada no contexto da tradição cristã. Finalmente, o deus Horpakhred, representado com os atributos característicos da infância (a trança lateral e o dedo indicador na boca) encerra este conjunto de estatuetas que reflecte o papel crescente que a relação pessoal entre o crente e o deus desempenhava na religião do Egipto do I milénio. De um modo geral, estes objectos eram oferecidos pelos fiéis ao deus, sendo apresentados no templo como ex-votos.

Nas peças de terracota da Época Greco-Romana, as divindades egípcias são representadas ao estilo grego, acusando já a confluência cultural típica do helenismo. É o caso da representação de Ísis que é identificada com Deméter em duas destas estatuetas. Osíris, por outro lado, é representado sob a forma de Osíris Canopo, uma manifestação da divindade que gozou de uma certa popularidade entre as colónias gregas do Egipto. Harpócrates (a versão helenizada de Horpakhred) é representado montado num cavalo conservando, no entanto, o dedo indicador na boca, o qual, como vimos, era um sinal importante da sua iconografia egípcia. A colecção apresenta também uma figura de Bés, o deus da música que tinha o poder de afastar as forças nocivas e presidia ao parto. As peças de terracota incluem ainda uma lamparina e três lucernas.

Um outro conjunto de peças, também datadas do I milénio, permite-nos ter uma ideia bastante completa acerca das características dos enterramentos egípcios do Egipto tardio. Três vasos de vísceras, cada um deles com uma cabeça humana ou animal, ilustram a relação que se

estabelecia entre certos órgãos do corpo e divindades estelares que favoreciam a reanimação do defunto. Um belo sarcófago de madeira revestida por cartonagem pintada apresenta um elaborado programa decorativo alusivo à vida do defunto no Além. Trata-se de um testemunho importante que documenta crenças religiosas que chegaram mesmo a influenciar o próprio cristianismo. Duas máscaras funerárias, uma delas da Época Greco-Romana, ilustram o esforço despendido na conservação das «feições» do defunto, o qual era representado nestes objectos como uma divindade plenamente dotada com os poderes vitais.

Um conjunto de treze amuletos de proveniência muito diversa mostra a variedade de formas e preocupações mágicas que eram confiadas a estes objectos profilácticos. Entre eles conta-se um encosto de cabeça, um olho *udjat*, um amuleto do coração, um pilar *djed*, uma coluna de papiro *uadje*, o contra-peso de um colar *menat*, uma coroa branca, o deus Ptah, a deusa Sekhmet, uma miniatura de Ísis a amamentar Hórus, a deusa Taueret, o deus Bés, e um anel de Horpakhred. O espólio mágico de uma múmia completava-se ainda com o escaravelho do coração (o Museu conserva dois exemplares, um deles apresenta uma versão do capítulo 30 B do «Livro dos Mortos»).

Para além destes objectos, o Museu alberga ainda duas múmias da Época Baixa ou da Época Greco-Romana. Uma delas, totalmente enfaixada, encerra um indivíduo masculino, ao passo que a outra, do sexo feminino, foi totalmente desapossada das suas faixas de linho ainda aquando da sua permanência no Museu de Berlim.

Número de inventário das antiguidades egípcias

Estatuetas funerárias

10 estatuetas de faiança (41.01.001 - 41.01.010)

4 estatuetas de faiança da Época Baixa (41.01.012-41.01.015)

6 estatuetas de madeira (41.01.011, 41.01.016, 41.01.017, 41.01.018, 41.01.019, 41.01.020)

Estatuetas divinas

Ptah-Sokar-Osiris (41.01.021)

Ápis (41.01.022)

Osiris (41.01.025)

Ísis e Horus (41.01.024)

Neit (41.01.026)

Horpakhred (41.01.023)

Terracotas greco-romanas

Cabeça de Ísis (41.01.084)

Osiris Canopo (41.01.088)

Harpócrates – cavaleiro (41.01.086)

Deméter-Ísis (41.01.087)

Cão (41.01.089)

Bés (41.01.102)
Lamparinas (41.01.081-41.01.082)
Lucernas (41.01.081-41.01.083)

Amuletos

Encosto de cabeça (41.01.050)
Olho *udjat* (41.01.049)
Amuleto do coração (41.01.048)
Pilar *djed* (41.01.047)
Coluna papiriforme *uadje* (41.01.034)
Contrapeso do colar *menat* (41.01.033)
Coroa branca (41.01.032)
Deus Ptah (41.01.031)
Deusa Sekhmet (41.01.030)
Ísis e Horus (41.01.029)
Deusa Taueret (41.01.028)
Deus Bés (41.01.027)
Anel de Horpakhred (41.01.051)
Escaravelhos do coração (41.01.045-41.01.046)
Escaravelhos (41.01.035-41.01.042, 41.01.044)
Escarabóide (41.01.043)

Vasos pré-dinásticos

Vasos de cerâmica (41.01.066-41.01.069, 41.01.070, 41.01.073-41.01.078,
41.01.095-41.01.099)
Vasos de boca negra (41.01.071-41.01.072)

Paletas pré-dinásticas (41.01.059-41.01.061)

Seixos (41.01.062-41.01.063)

Loiça lítica funerária

Vasinhos do Império Antigo (41.01.064-41.01.065)

Fragmento de relevo do Império Antigo (41.01.090)

Sarcófago (41.01.091)

Máscara funerária (41.01.101)

Objectos do quotidiano

Dois colares (41.01.054-41.01.055)

Pulseira (41.01.053)

Pentes (41.01.056-41.01.057)

Espelho (41.01.058)

Vaso de ano novo (41.01.052)

Vasos de vísceras

Cabeça humana (41.01.094)

Cabeça de falcão (41.01.079)

Cabeça de babuíno (41.01.080)

Bibliografia alusiva à colecção

ARAÚJO, Luís Manuel de, 1993, *Antiguidades Egípcias*, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia.

ARAÚJO, Luís Manuel de, 1998, *La collection égyptienne du Museu Nacional Soares dos Reis (Porto)*, in «Proceedings of the Seventh International Congress of Egyptologists», Leuven, Uitgeverij Peeters, p. 59-65.

ARAÚJO, Luís Manuel de, 2000a, *Egiptologia em Portugal*, «Cadmo», Lisboa, Faculdade Letras, número 10, p. 57-94.

ARAÚJO, Luís Manuel de, 1995, *O Núcleo Egípcio da Colecção Marciano Azuaga*, Núcleo Museológico de Arqueologia, Vila Nova de Gaia, Casa Municipal de Cultura Solar Condes de Resende, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia.

ARAÚJO, Luís Manuel de, 2000b, *Museologia Egiptológica em Portugal no século XX*, «Boletim Associação Portuguesa de Museologia», números 1 e 2, p. 88-95.

FERREIRA NOBRE, Augusto, 1925, *Museu de Arqueologia Histórica: A Colecção Assíria*, «O Pôrto e a sua Universidade: I Centenário da Faculdade de Medicina do Porto», Porto, 1925.

PINTO LIMA, Humberto, 1933, *A cerâmica prédinástica*, «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», número 6, p. 5-16.